

A família argelina¹ Frantz Fanon*

Tradução por
Heitor Loureiro**
Raphaël Maureau***

Resumo: O presente texto é uma parte do livro *O Ano V da Revolução Argelina* de Frantz Fanon, ainda sem tradução para o português. Neste capítulo, intitulado “A família argelina”, Fanon discorre sobre as mudanças que aconteceram na estrutura familiar na Argélia em meio ao processo de luta e resistência ante o colonialismo francês na década de 1950.

Palavras-chave: Argélia. França. Resistência. Mulher. Família.

1 Este texto é uma tradução do capítulo 3 “La famille algérienne” do livro *L’an V de la Révolution Algérienne* escrito pelo psiquiatra martinicano Frantz Fanon e publicado em 1959. Para esta tradução, utilizamos o texto publicado pela editora francesa La Découverte em 2001 e cotejamos com a edição em inglês intitulada *A Dying Colonialism* traduzida do francês por Haakon Chevalier e publicada em 1994. Agradecemos à Gwenaëlle Aupetit, da Editions La Découverte, pela atenção dispensada a esse trabalho. © Editions La Découverte, Paris. Todos os direitos reservados.

* Nasceu em 1925 no departamento ultramarino francês da Martinica, no Caribe. Estudou psiquiatria e filosofia na França após a II Guerra Mundial, na qual combateu na resistência francesa. Sua tese de doutorado veio a público em 1952, com o título *Pele Negra, Máscaras Brancas*, apesar de ter sido recusada pela Universidade de Lyon. Pouco tempo depois, Fanon se instalou na Argélia para trabalhar como médico e em 1954 se juntou a Frente de Libertação Nacional, lutando contra a violência do colonialismo francês. As experiências que viu e viveu durante o confronto na Argélia motivaram-no a escrever *Os Condenados da Terra*, obra que foi publicada no mesmo ano de sua morte, em 1961.

** Graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais; mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, São Paulo; e doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Franca, São Paulo.

*** Graduado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, São Paulo; trabalha como professor particular de francês, tradutor e intérprete.

Nós vimos, com o engajamento revolucionário e a instrumentalização do véu, desenhar-se a mutação da mulher argelina. Compreendemos que esse transtorno não pôde se realizar deixando intactos os outros setores da vida privada argelina.

A existência da luta de Libertação nacional e o caráter progressivamente total da repressão infligem graves traumas ao grupo familiar: pai detido na rua em companhia de seus filhos, posto a nu ao mesmo tempo em que eles, torturado sob seus olhos, fraternidade vivenciada e aguda de homens com ombros nus, assassinados, ensanguentados; maridos detidos, internados, presos; são as mulheres que devem então encontrar os meios de impedir que as crianças morram de fome. Retornaremos a esse aspecto particular e muito importante do conflito argelino. Nós gostaríamos aqui de seguir a evolução da família argelina, sua mutação, suas grandes mudanças na ocasião e no curso da guerra de Libertação.

Parece-nos que o ponto mais importante dessa modificação é que a família homogênea e quase monolítica se partiu. Cada elemento dessa família ganha em personalidade o que ela perde em pertencimento a um mundo de valores mais ou menos confusos. Indivíduos se veem confrontados a opções, a novas escolhas. Os comportamentos costumeiros e fortemente estruturados que levam a verdades estereotipadas, de repente, se revelam ineficazes e são abandonados. A tradição, de fato, não é apenas um conjunto de gestos automáticos, um grupo de crenças arcaicas. No nível mais elementar há valores, exigência de justificação. O pai, solicitado pelo filho, explica, comenta, legitima.

É importante mostrar que o pai colonizado no momento da luta de Libertação dá aos seus filhos a impressão de estar indeciso, de evitar uma tomada de posição, chegando até a assumir atitudes evasivas e de irresponsabilidade. Tal experiência, pavorosa para a criança quando ela tem apenas a constelação familiar como referência, perde aqui sua nocividade. Essa experiência, de fato, se desenrola em escala nacional e se integra ao grande abalo fundador de um mundo novo, sentido em toda a extensão do território.

Antes de 1954, a existência de partidos nacionalistas já havia introduzido nuances na vida privada do autóctone. Os partidos nacionalistas, a ação política parlamentar, a difusão de palavras de ordem de cisão com a França já haviam feito surgir certas contradições no seio da família. Essas posições convidam a inerte resistência da sociedade colonizada a tomar atitudes. Ante a imobilidade irritante da sociedade dominada, os partidos nacionalistas tentam substituí-la pela tomada de consciência, pelo movimento, pela criação. O povo, como um

todo, dá razão a esses partidos, mas tem uma lembrança aguda da lendária ferocidade dos militares e policiais franceses. Testemunhas da invasão colonial, ainda vivas há 30 ou 40 anos, relataram frequentemente as cenas da conquista. Em várias regiões da Argélia, os relatos dos massacres e incêndios ainda eram lembrados. O conquistador se instalou com tanta força, multiplicou os centros de colonização, fazendo assim surgir uma certa passividade desejada pela dominação colonial que progressivamente se tingiu de desespero. Antes de 1954, o filho que adotava uma posição nacionalista nunca o fazia, na verdade, contrariando a opinião do pai, mas sua militância não modificava em nada sua conduta de filho na estrutura da família argelina. As relações baseadas no respeito absoluto ao pai e no princípio de que a verdade é antes de tudo propriedade inquestionável dos anciãos não foram alteradas. O pudor, a vergonha, o medo de olhar o pai, de falar em voz alta em sua presença permanecem intactos mesmo para o militante nacionalista. A falta de ação revolucionária propriamente dita mantém a personalidade nos seus esquemas habituais.

Durante muito tempo, a ação política num país colonizado é uma ação legal que se desenrola no plano parlamentar. A partir de um determinado período, quando as vias oficiais e pacíficas se esgotam, o militante endurece suas posições. O partido político passa à ação direta e os problemas colocados para o filho são problemas de vida ou morte da pátria. Correlativamente, sua atitude com relação ao pai e aos outros membros da família se livra de tudo aquilo que se revela inútil e esterilizante para a situação revolucionária. A pessoa nasce, se torna autônoma e, logo, criadora de valores. O velho apego infantil ao pai se derrete ao sol da Revolução. Na Argélia, depois de Sétif e dos diferentes combates dirigidos pelos partidos nacionalistas durante o pós-guerra, as posições se definem e a maturidade política do povo progride consideravelmente.

Em primeiro de novembro de 1954, a Revolução recoloca todos os problemas: os do colonialismo, mas também aqueles da sociedade colonizada. *A sociedade colonizada percebe que para dar cabo da obra gigantesca na qual ela se lançou, para vencer o colonialismo e para realizar a Nação argelina, é preciso fazer um imenso esforço consigo mesma, estender todas as suas articulações, renovar seu sangue e sua alma.* No curso dos diversos episódios da guerra, o povo compreendeu que se ele quer dar vida a um novo mundo, ele precisa criar todas as peças de uma nova sociedade argelina. Para realizar suas aspirações, o argelino deve se adaptar às novas revalorizações, em um ritmo excepcional.

Pela primeira vez, a verdade escapa de seus depositários tradicionais e se coloca ao alcance de qualquer pessoa (que a busque). O grupo, outrora à espera de valores decifrados pelo pai, começa uma busca individual.

Cada argelino diante do novo sistema de valores introduzidos pela Revolução é incitado a se definir, a tomar posição, a escolher.

○ FILHO E O PAI

No momento em que o povo é convidado a adotar formas radicais de luta, a família argelina ainda está fortemente estruturada. Porém, no plano da consciência nacional, o pai revela um atraso enorme em relação ao filho. Desde muito tempo, sem o conhecimento dos pais, nasceu um novo mundo que se desenvolve com uma rapidez particular. De forma confusa, é verdade, e em outra época, o pai se deparou com alguns pedaços de frases, alguns significados afiados, mas nunca chegou à decisão de combater o ocupante com armas em punho. Entretanto, não há um argelino que não tenha se perguntado sobre a necessidade de questionar a opressão. Todo argelino desejou, ao menos uma vez em sua vida, durante uma reunião ou simplesmente durante uma discussão, a derrota do colonialismo. No mercado, no café, em peregrinação, durante festas tradicionais, sempre chega um momento em que o argelino trama contra o ocupante. No entanto, esses propósitos parecem lamentações desesperadas de todos os humilhados de todos os países do mundo. A profundidade do enraizamento da sociedade colonial, o seu frenesi em se transformar em necessidade, a miséria sobre a qual ela se sustenta, colorem a vida dessa famosa sombra de resignação que os especialistas em países subdesenvolvidos descrevem sob a rubrica do *fatalismo*.

E é no meio dessa maldição que estouram as primeiras salvas de novembro de 1954. Diante da revolução que corta brutalmente o mundo em dois, o pai se vê desarmado e um pouco inquieto. Essa inquietude se transforma em confusão na presença do filho que está preocupado, tenso. Uma atmosfera se instala, trágica, dura... e os policiais franceses estão vigilantes, e toda a cidade europeia aponta o seu ódio imenso para o bairro argelino. Muito frequentemente, os pais reagem de forma unívoca. As reflexões pré-1954 reaparecem, é o cortejo habitual de conselhos de prudência. Mas também com propósitos derrotistas:

“Fiquem tranquilos, os franceses são muito fortes, vocês não vão conseguir”. O filho foge da conversa, evita responder, tenta não opor o mundo novo que ele está construindo ao universo de expectativa e resignação infinitas do pai. Às vezes, o pai exige que o filho fique tranquilo, abandone a luta, volte pra família, se dedique a cuidar dos seus. Aos solteiros, fala-se em casamento, e aos casados, lembra-se os deveres. O desacordo se torna latente. O jovem argelino é levado a defender sua posição, a justificar sua conduta diante de seu pai. E ele condena e rejeita com veemência a prudência proclamada pelo pai. *Mas ele não rejeita nem expulsa o pai.* Ao contrário, assistimos a um trabalho de conversão da família. O militante se sobrepõe ao filho e empreende a doutrinação do pai. No entanto, não são as palavras do filho que o convencem. São, sobretudo, as dimensões do engajamento popular e as informações que circulam sobre a repressão. O velho seguro paternal, já deteriorado, desmorona definitivamente. O pai não sabe mais como manter o equilíbrio. Ele descobre então que o único jeito de permanecer de pé é juntando-se ao filho. É durante esse período que o pai enterra os antigos valores e fica a reboque. Jacques Lanzmann, em sua última obra, *Viva Castro*, encontra o mesmo fenômeno na sociedade cubana durante a Revolução fidelista:

[...] Desde sempre, em nosso país, nós realmente acreditávamos que o pai tinha o dever de ensinar, de transmitir sua experiência ao seu filho. Tal experiência, senhor, era o fio que costurava os membros da mesma família. Em linhas gerais, o filho sempre esteve de acordo com o pai, você sem dúvida conhece aquele ditado cubano: “Tal pai, tal filho”?

– Naturalmente, disse.

– Então o pai e o filho formavam uma coisa só, até o dia em que um homem refugiado na montanha e, no entanto, ele próprio bem jovem, tirou nossos filhos de nós. Esse homem é um tipo de Cristo, eu lhe digo! O que é um pai comparado a Cristo? Nada, senhor. Então, nós, os pais, nos perguntamos o porquê de nossos filhos nos terem deixado? Nós buscamos na nossa pobre cabeça a razão de tal separação e pensamos, senhor, que nossa experiência quase secular era falsa! Ela não valeu de nada, nossa experiência era somente uma rotina de vida que a gente transmitia como tal, sem muito refletir sobre ela, de pai para filho, por tantas gerações. Um só homem foi suficiente, um homem que tinha a oferecer apenas o ideal e a pureza. Isso era mais do que a nossa experiência, nosso dinheiro, nossos trabalhos, nossas relações [...] ²

² LANZMANN, J. *Viva Castro*, p. 114.

Essa conversão do pai, contudo, não eliminou radicalmente os comportamentos tradicionais. Era difícil para o pai esconder seu desejo de reestabelecer sua soberania destruída e o temor das consequências pavorosas dessa guerra aberta. É assim que surgem novas formas de oposição paternal, manifestações veladas de autoridade paternal. O pai não pode mais se opor formalmente ao jovem argelino que, por exemplo, decide juntar-se aos guerrilheiros. Ele clama pela disciplina do militante, ele pergunta se essa partida é a resposta a um chamado de mobilização ou se é uma iniciativa pessoal. No caso deste último, o pai é o primeiro a lembrar ao filho-militante os princípios da disciplina: se teus chefes precisarem de você, eles te convocarão. Assim, para se opor a um ato – juntar-se aos guerrilheiros – que, a partir de 1956 coloca em risco a vida dos outros membros da família que permaneceram em suas terras, o pai não tem outros recursos a não ser reconhecer os novos valores e recorrer a outras autoridades.

Em momento algum assistimos a um enfrentamento realmente doloroso. O pai se encolhe diante do novo mundo e se coloca a reboque de seu filho. É o jovem argelino que lança a família no vasto movimento de Libertação nacional. Às vezes, contudo, a situação é mais difícil. O pai, colaborador notório da administração colonialista, no exercício de sua profissão se vê acuado a escolher: tornar-se um *caïd*, policial, ou um *bachagha*, político pré-fabricado; ele se vê ao mesmo tempo rejeitado e condenado pela nova Argélia encarnada pelo seu filho. Muitas vezes ele renuncia. Entretanto, a contaminação é tamanha que não lhe é mais permitido se libertar do abraço colonialista. A longa sucessão dos compromissos é tão imponente que não é possível voltar atrás. Muitas famílias argelinas viveram essas tragédias terríveis em que o filho está presente na reunião que deve decidir o destino de seu pai traidor da pátria, e não lhe resta outra saída a não ser juntar-se à maioria e aceitar os julgamentos mais decisivos. Em outras situações, era o filho que decidia no Comitê qual a participação financeira de seus pais na Revolução; e imaginemos o paradoxo dessa situação de um pai que deve se queixar com o próprio filho da enormidade da quantia reivindicada pelos líderes... Essa derrota do pai para as forças novas que emergem da Pátria não pôde deixar intactas as antigas relações que ordenavam a sociedade argelina.

A FILHA E O PAI

Na família argelina, a garota está sempre um grau abaixo do rapaz. Como em todas as sociedades, nas quais o cultivo da terra representa a principal fonte dos meios de subsistência, o homem, produtor privilegiado, goza de um *status* quase senhorial. O nascimento de um menino em uma família é celebrado com mais entusiasmo do que o de uma menina. O pai vê nele um companheiro para os afazeres, um sucessor na terra familiar e, na sua ausência, um tutor para a mãe e irmãs. A filha, sem ser humilhada ou desamparada, ressent-se bastante em competir com o seu irmão.

A menina, no geral, não tem a oportunidade de desenvolver sua personalidade nem de tomar iniciativas. Ela tem seu lugar na vasta rede de tradições domésticas da sociedade argelina. A vida da mulher no lar, feita de gestos seculares não permite renovação alguma. O analfabetismo, a miséria, o *status* de povo oprimido mantido e reforçado até desnaturalizar as especificidades do universo colonizado. A filha adota sem esforço os comportamentos e os valores da sociedade feminina argelina. Ela aprende da boca da sua mãe o preço incomparável do homem. A mulher, numa sociedade subdesenvolvida, e principalmente na Argélia, é sempre menor e o homem, irmão, tio ou marido, representa antes de tudo um tutor. A garota aprende que deve evitar discutir com o homem, a não “provocar o homem”. A facilidade com a qual o divórcio é obtido na sociedade argelina faz constantemente pesar sobre a mulher um medo quase obsessivo de ser devolvida à sua família. O jovem rapaz, por sua vez, adota as condutas do pai.

Rapidamente, no cenário familiar, a garota evita aparecer diante do pai. Quando a mulher toma o lugar da menina na puberdade, há um tipo de acordo tácito que estabelece que o pai nunca esteja frente a frente com a sua filha. Tudo é organizado para que o pai ignore que sua filha chegou à puberdade. O pai dirá que isso não lhe diz respeito, mas, na verdade, há a vontade de ignorar a nova realidade da filha. Essa situação na qual se encontra o pai, de não poder conviver com a nova mulher que está na casa, revela a necessidade de arranjar um casamento para a garota. O casamento precoce na Argélia não ocorre com o intuito de diminuir o número de bocas para alimentar, mas se dá literalmente pela preocupação de não ter uma nova mulher sem estatuto, uma mulher-criança na casa. A garota que passa à condição de mulher deve se casar e ter filhos. Para

uma família, ter uma filha na puberdade na casa é um problema extremamente difícil. A filha pubescente está disponível para o casamento, o que explica o rigor com o qual ela é mantida em casa, protegida, vigiada. Isso também explica a facilidade com a qual ela é casada.

Nessas condições, conforme vemos, nós não compreenderíamos a garota que gostaria de escolher um marido ou recusar o homem que sua família lhe propõe. A menina que sente a inquietude de seus pais e experimenta a fragilidade da sua nova situação de menina-mulher, vê o casamento como libertação, como equilíbrio definitivo. A vida de uma mulher argelina não se desenvolve de acordo com os três tempos conhecidos no Ocidente: infância – puberdade – casamento; a garota argelina conhece somente duas etapas: infância-puberdade e casamento. Na Argélia, a jovem púbere que não se casa prolonga uma situação anormal. Não se deve esquecer jamais que o analfabetismo e o desemprego que reinam na Argélia não deixam nenhuma outra saída à garota. Em um *douar*³, a mulher solteira – ela se torna mulher aos dezesseis anos – deve se casar. Indefinidamente tratada como menor, a mulher deve encontrar o mais rápido possível um tutor, e o pai treme só de pensar que pode morrer e abandonar sua filha sem sustento, logo, incapaz de sobreviver.

Vemos então que a menina argelina, iletrada, velada, detida, como toda a Argélia sob a dominação colonial, parece mal preparada para assumir as tarefas revolucionárias. A garota argelina tem vergonha de seu corpo, de seus seios, de sua menstruação. Ela tem vergonha de ser mulher diante dos seus. Ela tem vergonha de falar diante de seu pai, de olhar para seu pai. E seu pai também tem vergonha diante dela. Na realidade, a análise em profundidade mostra que o pai vê a mulher na sua filha. Inversamente, a filha vê o homem em seu pai. A interdição aqui é tamanha, as proibições estão de tal modo inscritas no centro da personalidade, que a convivência se torna insuportável. Essas condutas não estão sem evocar, como vimos, os ritos utilizados em certos grupos para evitar a angústia que acompanha os pulsos incestuosos inconscientes. Mas, sobretudo, há a apreciação restritiva do estatuto da mulher disponível exclusivamente para o casamento e a maternidade.

Todas essas restrições vão ser abaladas e postas em questão pela luta de Libertação nacional. A mulher argelina desvelada, que ocupa um lugar cada

vez mais importante na ação revolucionária, desenvolve a sua personalidade, descobre a propriedade exaltante da responsabilidade. A liberdade do povo argelino se identifica então com a libertação da mulher, com sua entrada na história. Essa mulher que, nas avenidas de Argel ou de Constantina, carrega as granadas ou os carregadores de fuzis-metralhadoras, essa mulher que amanhã será ultrajada, violentada, torturada, não pode repensar seu comportamento antigo nos detalhes mais ínfimos; essa mulher que escreve as páginas heroicas da história argelina explode o mundo retraído e irresponsável no qual ela vivia, e colabora conjuntamente com a destruição do colonialismo e com o nascimento de uma nova mulher.

As mulheres na Argélia, a partir de 1955, começam a ter modelos. Na sociedade argelina circula a história de mulheres, em quantidades cada vez maiores, que morrem ou são presas nos *djebels*⁴ ou nas cidades, para que nasça a Argélia independente. São essas mulheres militantes que constituem os sistemas de referência em torno dos quais a imaginação da sociedade feminina argelina vai entrar em ebulição. A mulher-para-casar desaparece progressivamente e cede lugar à mulher-para-ação. A garota dá lugar à militante, a mulher à *irmã*.

As *células femininas* da FLN recebem adesões em massa. A impaciência das novas recrutas é tamanha que coloca frequentemente em risco as tradições de clandestinidade total. Os responsáveis são levados a frear esse entusiasmo e radicalismo sempre excepcionais, características de toda jovem que descobre um novo mundo. Desde a incorporação, elas requisitam as missões mais perigosas. É de maneira progressiva que a formação política dada a elas irá fazer com que elas não encarem mais a luta de maneira explosiva. A jovem argelina saberá então conter a sua impaciência e mostrar qualidades insuspeitas de calma, sangue frio e decisão.

Há casos em que a garota argelina está sendo procurada ou casos em que vários membros da rede à qual ela pertence estão detidos. Então, a necessidade de desaparecer, de fugir, se torna urgente. A militante, primeiro, abandona sua família e se refugia na casa de amigos. Mas logo chega a ordem da direção da rede de se juntar aos *maquis*⁵ mais próximos. Depois de todos os transtornos anteriores: filha desvelada, maquiada, saindo a qualquer hora, indo não se sabe

⁴ Regiões montanhosas [NT].

⁵ Grupo guerrilheiro de resistência à colonização francesa [NT].

onde etc., os pais não ousam mais reagir. Mesmo o pai não tem mais escolha. Seu velho medo da desonra se torna totalmente absurdo ante a imensa tragédia vivida pelo povo. Fora isso, a autoridade nacional que decide que a filha deve partir para o *maquis* não compreenderia essa reticência do pai. Há muito tempo não era mais permitido pôr em dúvida a moralidade de uma patriota. E também, principalmente, o combate é duro, intenso, implacável. É preciso agir com rapidez. A garota parte então para o *maquis*, sozinha com os homens. Por meses e meses, os pais não terão notícias de uma jovem garota de 18 anos que dorme nas florestas ou nas grutas, que percorre o *djebel* vestida de homem, com um fuzil nas mãos.

A atitude do pai para com as outras filhas que ficaram em casa ou com qualquer outra mulher que ele encontra na rua muda radicalmente. E a filha que não está no *maquis*, que não milita, conhece o lugar capital das mulheres na luta revolucionária. Os homens deixam de ter razão. As mulheres deixam de ficar em silêncio. A sociedade argelina no combate libertador, nos sacrifícios que faz para se libertar do colonialismo, se renova e promove valores inéditos de novas relações intersexuais. A mulher deixa de ser um complemento para o homem. *Literalmente, ela conquista o seu espaço pela força dos punhos.*

Às vezes, a garota visita a família com uma nova carteira de identidade. Ela tem então a oportunidade de contar para o pai e para a mãe as ações prodigiosas que acontecem todos os dias no *djebel*. Ela mostra fotos. Ela fala dos seus chefes, dos seus *irmãos*, da população, dos feridos, dos prisioneiros franceses. Ela olha para o pai, senta-se a sua frente, fala com ele e não se sente constrangida. E o pai não desvia o olhar, não tem vergonha. Ao contrário, ele se regozija ao redescobrir sua filha, ao ver sua nova personalidade brilhar dentro de casa e não fica aborrecido quando a filha fala em voz alta e, definitivamente, não lhe passa pela cabeça a ideia de que a mulher deve se calar. Durante os três dias que dura a permissão, o pai não sente a necessidade de interrogar sua filha sobre sua conduta moral no *maquis*. Esse silêncio não exprime um desinteresse ou resignação pelo tabu ultrapassado da virgindade. O pai se dá conta do passo imenso dado pela sociedade e tais questões, que não cessaram de estar presentes em seu espírito, se revelam inoportunas e secundárias. A garota argelina que emerge no céu movimentado da história convida seu pai para uma espécie de mutação, de um arrebatamento de si mesmo. Perguntar a uma mulher que diariamente enfrenta a morte se ela “está séria” se torna grotesco e insignificante.

A filha militante, adotando novas condutas, derruba as tradições estabelecidas. Os antigos valores, as fobias esterilizantes e que infantilizam desaparecem.

OS IRMÃOS

Na Argélia, o irmão mais velho é o sucessor designado do pai. Os outros membros da família, muito rapidamente, adotam para com ele uma atitude respeitosa e deferente. Há um certo número de coisas que não se faz na frente do irmão mais velho. Empenham-se em não estar com ele no mesmo grupo de jovens onde as brincadeiras mais ou menos levianas são sempre possíveis. A atitude do irmão mais novo para com o seu irmão maior se identifica quase como aquela do filho para com o seu pai. O transtorno que nós descobrimos nas relações do pai e dos filhos se reapresenta aqui, mas particularmente salientado. Alguns irmãos militam, de fato, na mesma célula e no momento da descoberta da rede ingressam na *maquis*. Eles combatem na mesma unidade, sofrem juntos de fome e às vezes de falta de munição. Suas relações dosadas e ritualizadas do período pré-guerra dão lugar a outros tipos de relações totalmente novas. Os dois irmãos estão integrados numa ação precisa e obedecem a uma mesma autoridade.⁶

A velha relação que se desenrolava no circuito fechado da família passa por mudanças radicais. Chega até mesmo a acontecer que o irmão mais novo seja o responsável pelo grupo. E o respeito tradicional para com o irmão mais velho não inibe o chefe político ou militar. Investido de um poder no seio da Revolução, o *irmão* é levado a superar o automatismo e as condutas estereotipadas. O *homem* que parecia sumir atrás do *irmão* faz sua aparição. O irmão mais velho não tem mais obrigatoriamente razão e cada um define os seus novos valores.

⁶ No período anterior à Revolução, irmãos trabalhavam numa mesma empresa requisitaram ao contra-mestre para serem designados para canteiros de obras diferentes. Até mesmo no hospital, dois irmãos enfermeiros tomaram medidas para serem designados em pavilhões diferentes.

○ CASAL

As relações da mulher e do marido também passaram por mudanças na ocasião da guerra de Libertação. Ainda que cada um na casa tivesse funções definidas, o caráter total da luta vai impor comportamentos inesperados.

Mustafá acaba de chegar em casa. Pouco tempo antes, junto com um outro *fidai*⁷, ele havia lançado várias granadas nas propriedades da Polícia Judiciária onde patriotas são torturados noite e dia. Ele não tem vontade de falar. Ele se deita e fecha os olhos. Sua mulher o viu entrar, mas não percebeu nada de diferente. Uma hora depois, a notícia invade o bairro: dois patriotas realizaram um atentado extraordinário. No corredor ou no pátio, os prejuízos são estimados, calculados. As patrulhas raivosas que já inundam as ruas são a prova irrefutável de que os nossos atingiram duramente os colonialistas. A mulher volta ao quarto e, ao ver o seu marido sonolento, alheio ao evento, deixa estourar seu desprezo: “você não poderia fazer isso, é bem mais fácil dormir e comer”. E ela cita o vizinho preso, o outro executado pelo inimigo, e por fim o primo que enviou fotos do *maquis*. Tratado por covarde pela mulher, Mustafá se cala, feliz pela saudável ira de sua mulher e pelo sucesso de sua missão. Esse exemplo, bastante frequente em 1956, apresenta um interesse considerável. Nas relações masculinas na Argélia, acusar um homem de covarde é uma injúria que se repara somente com sangue. Não se deixa qualquer um colocar em dúvida sua coragem ou sua virilidade, ninguém pode admitir isso. E ainda que a pessoa que acusa seja uma mulher, as coisas se tornam fisicamente intoleráveis. A luta de Libertação dá a mulher tal nível de renovação interior que ela chega a tratar o seu marido de covarde. A mulher argelina recrimina com frequência, por alusão ou de forma, seu marido pela inatividade, pelo não engajamento, pela falta de militância. Esse é o período ao longo do qual as jovens garotas, entre elas, juram que não se casariam com um homem que não pertencesse à FLN. A mulher argelina, perdendo toda a prudência perde também todo o instinto de conservação do lar. Recriminar seu marido por não participar de um combate, que é sabidamente assassino, é uma conduta pelo menos paradoxal. Mas as mulheres não consideram mais a condição do homem como antes. O trabalho

do homem é a atividade patriótica e ninguém pode afirmar sua virilidade se ele não é um dos pedaços da Nação em luta.

Às vezes, contudo, a mulher não ignora a atividade de seu esposo. Militante de sempre, o marido desaparece frequentemente e por vezes ela acha um revólver debaixo de seu travesseiro. No momento em que as revistas se sucedem, a mulher pede para o marido deixá-la a par. Ela exige estar ciente de certos nomes e endereços de militantes de modo a prevenir em caso de prisão do marido. É em nome da eficácia que ela convence o marido a consentir com a sua participação na ação. Evocando o caso de um militante que, tendo falado sob tortura, permitiu a destruição de toda uma rede, ela previne o marido contra o orgulho de ser “o único a saber”, dissimulado sob a máscara da clandestinidade. Aos poucos, as resistências desaparecem e o casal militante unido, que participou do nascimento da Nação, se torna a regra na Argélia.

Às vezes, o marido que está no *maquis* há muitos meses, tem permissão para voltar. Abalado pela doçura do lar, ele chega a confiar à mulher o seu desejo de não mais retornar “lá pra cima”. A esposa, que recuperou sua dimensão de mulher com a intensidade que se deve, sente como o marido, a necessidade de continuar, de não interromper esses momentos densos que parecem escapar ao tempo. E como sempre, nesses casos, o frenesi de saborear a experiência é em função da eventualidade sempre possível de uma morte, amanhã, ou no dia seguinte. Contudo, é a mulher que pede ao marido que afaste de seu espírito tal ideia. “O que você responderá às pessoas da cidade quando eles te perguntarem? Você prometeu voltar com a independência, você fez o juramento de reestabelecer a liberdade. Como você pode pretender voltar a ter uma vida normal sendo que todos os homens estão lá em cima ou na prisão?”. Frequentemente, a mulher sem filhos que assiste o envolvimento em massa da Nação, vendo partir, uma depois da outra, as jovens garotas da cidade, decide se juntar ao marido. Decerto, ela não o verá com frequência, mas em períodos de calma relativa os casais poderão se encontrar. Não raramente a mulher que chega ao *maquis* aprende sobre a morte do marido. Frequentemente ela retorna à cidade-natal de seus pais, mas as vezes um grande abalo se produz dentro dela que a faz decidir permanecer com os combatentes e de tomar parte na luta libertadora. A presença da mulher no *maquis* incomodará muito menos o marido do que a sua atividade militante nos centros. A mulher que parte em missão a trezentos quilômetros de seu domicílio, que se deita não importa onde em companhia de desconhecidos cria,

apesar de tudo, alguns problemas para o marido. Evidentemente, eles nunca são formulados, mas nenhuma revolução faz tabula rasa definitivamente, sem que esses mecanismos quase instintivos deixem sequelas. “Não há como alguém entender o que é alguém perguntar da tua mulher ao telefone. Você chama a tua mulher, você lhe passa o telefone e você se sente convidado a se retirar do quarto... pois tua mulher se vai e volta às vezes quatro horas ou quatro dias depois. Nenhuma explicação lhe é dada, mas você não pode ignorar a ação na qual ela está engajada porque é você que a mobilizou. Foi você que lhe incutiu as regras estritas da clandestinidade”.

O casal argelino fica consideravelmente mais próximo durante essa Revolução. As relações por vezes frágeis, marcadas pela precária natureza do presente, do recusável no instante, se reforçam, ou ao menos mudam de conteúdo. O que era definido como mera coabitação admite hoje uma multiplicidade de coordenadas. Primeiramente, o fato de correr perigo juntos, de retornar ao leito cada um no seu lado, cada um com seu pedaço de segredo. Há também a consciência de colaborar com o imenso trabalho de destruição do mundo de opressão. O casal não está mais ensimesmado. Não vê mais um fim em si mesmo. Ele não é mais o resultado do instinto natural de perpetuação da espécie, nem o meio institucionalizado de satisfazer a sua sexualidade. O casal se tornou a célula de base da cidade, o núcleo fecundo da Nação. O casal argelino, sendo um elo da organização revolucionária, se transforma em unidade de existência. *A confusão da experiência combatente e da vida conjugal aprofunda as relações entre os cônjuges e cimenta a união. Há o surgimento simultâneo e efervescente do cidadão, do patriota e de um cônjuge moderno.* O casal argelino se despoja de suas fraquezas tradicionais ao mesmo tempo em que a coesão do povo se inscreve na história. Esse casal não é mais um acidente, mas sim algo redescoberto, pretendido, construído. É esse, de fato, o fundamento do encontro intersexual que se estabeleceu aqui.

○ CASAMENTO E O DIVÓRCIO

Por norma, na Argélia, o casamento é decidido pelos familiares. Quase sempre, é no momento do casamento que o marido vê o rosto de sua mulher. As razões sociais e econômicas dessa tradição são suficientemente conhecidas

para que nós não voltemos a elas. O casamento no país subdesenvolvido não é um contrato individual, mas um contrato de clã com clã, de tribo com tribo, de família com família...

Com a Revolução, as coisas vão se transformar gradualmente. A existência de mulheres no *maquis*, o encontro de homens e mulheres solteiras, estas cuidando deles depois de um bombardeio ou no caso de uma doença, coloca problemas inesperados aos responsáveis locais da FLN. Assim, homens vão ver o superior e pedem em casamento essa ou aquela enfermeira. Durante muito tempo, o responsável da FLN hesita. Ninguém pode dar a mão de uma garota se não for o pai ou, na ausência do pai, o tio ou o irmão. O responsável não se vê no direito de levar em consideração o pedido do *moudjahid*⁸ e algumas vezes se vê obrigado a separar os dois amantes. Mas o amor existe e deve ser levado em conta e a direção da Revolução dá as instruções de como os casamentos poderão ser realizados diante do responsável do Estado Civil.

Registros de Estado Civil são abertos. Casamentos, nascimentos e óbitos podem ser então registrados. O casamento no *maquis* deixa de ser um arranjo entre famílias. Todas as uniões são voluntárias. Os futuros cônjuges tiveram tempo de se conhecer, de se estimar, de se amar. Até mesmo os casos de amor à primeira vista foram considerados pelos dirigentes. Cada vez que um pedido de casamento é formulado, recomendam as instruções que se adie a decisão por três meses. Quando o pai fica sabendo do casamento da filha no *maquis*, não há revolta ou contestação do ato. Muito pelo contrário, ele pede fotos e os bebês nascidos no *maquis* são enviados para a casa dos avós que cuidam desses filhos da Revolução como lhes convém.

Tais inovações não podem deixar intactos os modos tradicionais de união que se repetem no resto do país. As mulheres argelinas começam, primeiramente, a exigir garantias sobre o patriotismo do futuro marido. Elas pedem que os rapazes que lhe são propostos sejam membros da FLN. A autoridade incontestável e massiva do pai é abalada por essa nova exigência. Antes da Revolução, uma garota que era pedida em casamento deixava por vários dias o seio familiar e se refugiava na casa de parentes. Isso se explica pela vergonha que a garota sentia de ser objeto de uma busca sexual. Também era habitual que durante um ou dois meses depois da consumação do casamento, a jovem

⁸ Guerrilheiro islâmico que luta pela libertação [NT].

esposa evitasse aparecer na frente de seu pai. Essas condutas pudicas e infantis desaparecem com a Revolução e, hoje, a maioria das jovens esposas tem assistido à assinatura de seus contratos, tem discutido as modalidades desses contratos e, naturalmente, tem dado sua opinião sobre o cônjuge. O casamento na Argélia terá conhecido a sua mutação radical no interior do combate travado pelos *moudjahidines* e pelas *moudjahidates*.

Nessas condições, o divórcio, a separação dos dois cônjuges baseia-se em modalidades distintas. O repúdio, que podia a todo instante ser imediatamente proclamado e que exprimia a fragilidade do laço conjugal, não é mais legalizado automaticamente. O marido deve explicar o porquê do divórcio. Há tentativas de reconciliação. De todo modo, a decisão final cabe ao responsável local. A família sai fortalecida desse teste no qual o colonialismo trabalhava para mitigar a vontade do povo. É em meio aos perigos mais graves que o argelino inventa formas modernas de existência e confere à pessoa humana a máxima importância.

A SOCIEDADE FEMININA

As mulheres que vão à guerra e que se casam no *maquis* provocam no seio da sociedade feminina argelina a reconversão radical de certas condutas. Todavia, deve-se tomar cuidado para não compreender de maneira unívoca as principais modificações constatadas. A guerra do colonialismo francês obriga o povo argelino a estar constante e totalmente engajado na batalha. Ante um adversário que jurou manter a Argélia mesmo sem os argelinos, é difícil ser você mesmo, é difícil manter intactos preferências ou valores. A sociedade feminina se modifica pela solidariedade orgânica com a Revolução, mas também porque o adversário corta na carne argelina com uma violência inaudível.

As mulheres, habituadas a ir às sextas-feiras ao cemitério da cidade ou a visitar um santuário local que pertence a dezenas de milhares de famílias *reagrupadas*, interrompem essa atividade, entre outras.⁹ No campo, elas se organizam imediatamente no interior de células da FLN. Elas encontram mulheres de outras regiões, trocam as experiências da repressão. Mas também

⁹ As forças colonialistas francesas, como sabemos, reuniram atrás do arame farpado mais de um milhão de argelinos. São os famosos “centros de reagrupamento”, onde, na opinião das próprias autoridades francesas, a morbidez e a mortalidade alcançam cifras excepcionalmente elevadas.

suas experiências de antes da Revolução, suas esperanças. A mulher argelina reagrupada, separada do marido que permanece com os combatentes, cuida dos idosos e dos órfãos, aprende a ler e a costurar e frequentemente deixa o campo com inúmeros companheiros e se junta ao Exército de Libertação Nacional.

Com esses deslocamentos consideráveis das populações, é o panorama social e o mundo da percepção que são perturbados e reestruturados. Uma *mechta*¹⁰ evacuada não é uma *mechta* que migrou. Deve-se acompanhar pacientemente o desenvolvimento da operação. Bombardeamentos da região, múltiplos saques, os homens válidos vão para as montanhas, os mortos rapidamente enterrados, os reféns da *mechta* que se refugiam numa cidade vizinha, na casa de parentes ou amigos...

A *mechta* reagrupada é uma *mechta* quebrada, destruída. É apenas um grupo de homens, mulheres e crianças. Nessas condições, nenhum gesto é mantido intacto. Nenhum ritmo anterior é mantido inalterado. Presos nas malhas de arame farpado, os membros das famílias argelinas reagrupadas não comem nem dormem como antes. Podemos perceber isso, por exemplo, na ocasião de um luto. As lamentações, os gemidos, os rostos dilacerados e as torções dos corpos praticamente desapareceram nos dias de hoje. Não se encontram mais os clássicos choros mortuários na Argélia. Tudo isso começou em 1955 quando as tropas francesas, por diversão ou no âmbito de uma repressão, invadiam uma localidade e metralhavam cinco ou dez homens. Essas chacinas, sem preparação, que não tem por causa uma doença que foi cuidada e combatida, cujos corpos são abandonados no fosso na beira da estrada, não podem desencadear os mecanismos emocionais, homogêneos a uma sociedade. As lamentações e os rostos desfigurados participam de um mundo preciso, equilibrado. Não se chora, não se grita, não se faz como antes em se tratando de chacinas. Cerram-se os dentes e reza-se em silêncio. Um passo além são os gritos de alegria que saúdam a morte de um *moudjahid* morto no campo de honra. Não se deve crer, todavia, que as cerimônias tradicionais se repetem quando se trata de mortes naturais, tais como mortes por doenças ou por acidente. Mesmo assim, há uma quase incapacidade de reencontrar as técnicas habituais de desespero. A guerra transtornou a tal ponto a sociedade argelina que toda morte é concebida como consequência direta ou indireta da repressão colonialista. Hoje, não há um morto sequer na Argélia que não seja vítima do colonialismo francês. O civil

¹⁰ Vila [NT].

argelino, estranho à guerra de reconquista colonial, é impossível na Argélia. Mais do que isso, não há uma morte de argelino fora da Argélia que não seja atribuída ao colonialismo francês. O povo argelino, assim, decidiu que até à independência, o colonialismo francês não seria inocentado de nenhuma das chagas que acometem seu corpo e sua consciência.

A ARGÉLIA DISPERSADA

A tática adotada pelo colonialismo francês desde o começo da Revolução teve por finalidade dividir o povo, despedaçá-lo, com o intuito de tornar impossível qualquer coesão. No início, tal esforço foi dirigido aos homens que, em dezenas de milhares, estavam internados. Sabemos que entre 1955-56, os *centros de internação* se multiplicaram desenfreadamente no território nacional. *Lodi, Paul Cazelles, Berrouaghia...* detiveram durante anos pais e maridos. A mulher argelina, repentinamente sem marido, foi obrigada a encontrar os meios para alimentar seus filhos, levada a se deslocar, a seguir seu curso, a viver sem a proteção do homem. Algumas vezes, ela irá visitar seu marido internado a cem ou duzentos quilômetros de distância de seu domicílio. Quando os homens não estão internados, se encontram no *maquis*, e as mães que recebem as permissões familiares distribuídas pela Frente de Libertação são deixadas sós para criar seus filhos. Nas cidades, os portões da prisão detêm um número relevante de homens argelinos e para fugir dos campos de reagrupamento, para escapar dos bombardeios em série da aviação francesa, dezenas de milhares de famílias se refugiam na Tunísia e no Marrocos.

As chacinas de argelinos e de argelinas pelo colonialismo francês atraíram, sobretudo, a atenção do mundo e provocaram a onda de protestos que temos ciência. Mas é preciso analisar mais de perto a realidade argelina. Não devemos apenas tangenciar. Deve-se, ao contrário, caminhar passo a passo ao longo da grande ferida feita no povo e no solo argelino. Deve-se, metro por metro, interrogar a terra argelina e medir a fragmentação da família argelina, o estado de dispersão na qual ela se encontra. Mulher levada pelos militares e que volta oito dias depois, e não é preciso nem interrogá-la para compreender que ela foi violentada dezenas de vezes. Marido levado pelo inimigo e que volta com o corpo coberto de equimoses, a vida vacilante e o espírito inerte. Crianças

dispersas, órfãos incontáveis que circulam espavoridos e famintos. Quando um homem recebe a sua mulher que passou duas semanas num campo francês, lhe diz bom dia e lhe pergunta se ela está com fome, ele evita de olhá-la e abaixa a cabeça. Não é possível supor que a família pudesse permanecer intacta e que o ódio do colonialismo não esteja incomensuravelmente dilatado. O colonialismo francês não quis outra coisa desde 1954, a não ser quebrar a vontade do povo, despedaçar sua resistência, liquidar suas esperanças. O colonialismo não recuou, mesmo sem nenhum radicalismo em cinco anos, nem no terror, nem na tortura. Misturando esses homens e essas mulheres, o colonialismo os reagrupou sob um mesmo signo. Igualmente vítimas de um mesmo tirano, identificando simultaneamente um inimigo único. O povo objetivamente disperso realiza a sua unidade e funda com base no sofrimento uma comunidade espiritual que constitui o mais sólido bastião da Revolução Argelina.

Abstract: This text is part of the book *L'an V de la Révolution Algérienne* (published in the USA as *A Dying Colonialism*). In this chapter, "The Algerian Family", Fanon discusses the changes that happened in the familiar structure in Algeria during the struggle against the French colonialism in the 1950s.

Key-words: Algeria. France. Resistance. Woman. Family.